GOTAS DE EMOÇÃO

Pedro Pazelli

pedropazelli@gmail.com

Copyright 2011 by Pedro Pazelli

Pazelli, Pedro

Gotas de emoção

ISBN 978-85-910671-6-9

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

1. Contos: literatura brasileira

Todos os direitos desta edição reservados à

Pedro Pazelli – Ler Mais Editor

pedropazelli@gmail.com

ÍNDICE

I - A visita.....6
II - O tesouro.....14
III - A virgem Maria.....20
IV - A guerra.....34
V - A rainha e o escravo.....37
VI -Balões de vida.....48
VII - Identidade.....50
VIII – Michele Klusman.....53
IX - O bilhetinho 65
X - O cinema.....74
XI - O reencontro.....84
XII - Pra não perder o amigo.....91
XIII - Um toque de mão.....94
XIV - A volta.....103
XV - O ciberbandido.....106
XVI - A vida é assim.....110
XVII - A viagem.....114

PREFÁCIO

Pedro Pazelli é um novo nome na literatura. Não tão novo assim, pois escreve e publica contos infantis desde 1985 como: "O livro e as traças" e "Vamos passear na floresta enquanto o homem não vem", ambos pela Editora Edicon. Foi autor também de "Piadas de Médico" pela Ediouro e foi lido em jornais e revistas com crônicas, trabalhos técnicos e histórias em quadrinhos (Pasquim, Jornal do Brasil, Jornal Última Hora e outros). É, porém, um novo autor de contos de fantasia para adultos, de qualidade internacional, premiado em 2009 pela UBE - União Brasileira dos Escritores do Rio de Janeiro com seu "Grito verde – contos ecológicos de fantasia", lançado no mesmo ano pelo **Clube dos Autores.**

Pedro Pazelli diz ter sido influenciado por Ray Bardbury, Poe, H. P. Lovecraft, Clarice Lispector e Cecília Meireles e que nessa salada literária acabou encontrando seu caminho.

Neste novo livro "Gotas de emoção", o autor nos brinda com o melhor de sua produção com contos cuja emoção é o ponto predominantemente explorado e a fantasia teima em aparecer em alguns deles, como em "Colonização" ou "Identidade".

Alguns contos de Pazelli são de uma atmosfera pesada, angustiante, como em "Balões de vida", leves e poéticos, como em "O tesouro", filosóficos como em "O cinema" ou "A vida é assim"; bem humorados como em "Michele Klusmam", "A volta" ou "A visita" ou ainda repletos de sensualidade como "A virgem Maria" e "Um toque de mão".

Espero que os leitores se emocionem como me emocionei nestas páginas, onde tudo é emoção. Emoção, quando ri muito lendo "A volta" ou chorei com "Balões de vida" ou ainda me senti enamorada em "Um toque de mão".

Tamires Loyola Saraiva
Editora e crítica literária

I

A VISITA

Uma visita pode mudar nossa vida. Eu estava deitada nos lençóis gelados de minha silenciosa cama ouvindo a chuva e o vento, curtindo uma solitária insônia de mulher divorciada e, volta e meia lembrando da minha recente separação de Marcos que era forte, tinha trinta anos, grandes olhos de jade, muitas palavras bonitas e viera à minha porta me oferecer proteção. Viera vender-me uma apólice de seguro de vida. Eu aceitei-a por causa da minha carência. Aceitei que ele voltasse para pegar a cópia de meus documentos que eu não possuía no primeiro encontro, depois, uma terceira vez, para trazer a apólice e, a quarta vez, para entrar na minha cama e na minha vida. Eu renascera da minha solidão trevosa. *Ah, ilusão...*

Marcos me dizia tantas palavras de luz e calor, que depois se transformariam em palavras de sombra e de gelo... *Homem mutante.*

No início, saindo para passear pela primeira vez, apaixonados, voando nas asas do amor, em plena primavera, com a alegria das flores, não conseguindo esconder um do outro a urgência de falarmos de nossas virtudes, escondendo nossos pequenos desvios de conduta, seduzindo-nos com frases prontas de efeito, expressões e gestos persuasivos, antes tão ensaiados nas noites insones, repletas de expectativas... Assim, encantados, nos encantávamos, seduzindo-nos e deixando-nos seduzir com doces e pequenas mentiras.

Eu era a água, ele o sal; eu a farinha, ele o fermento. E assim íamos dando forma ao nosso pão do amor e assando-o no calor dos nossos beijos.

Um ano depois, ele já me sorria com boca falsa, ou me feria com palavras não ditas - grosseiros silêncios. Depois, sem mais nem menos, sem sequer um adeus vazio, me trocou por uma vagabunda, uma "galinha" que, diziam, transava com uns e outros e que morava na vizinhança... Eu tinha planejado com aquele homem o nosso futuro, mas tive que voltar ao meu ontem.

Foi assim, pensando na minha triste vida, que ouvi uns piados insistentes que se misturava à voz da chuva medrosa que chorava há mais de cinco horas e do uivo do corajoso vento que se infiltrava gelado pelas frestas da minha janela.

Levantei-me, afastando as cobertas e colei o ouvido à madeira rústica e fria da porta da sala. Não era dali. Era da porta da cozinha que os pios desesperados vinham. Abri a porta. Aos meus pés, um pinto, que insolentemente, sem ser convidado ou temer a minha presença, entrou rápido, por debaixo das minhas pernas e continuou piando de desespero, de socorro. Passei a mão no guarda-chuva e saí à varanda para procurar a galinha daquele pinto perdido da sua ninhada. Nada.

"Bem. O que se há de fazer?"

Fechei a porta, abaixei-me e peguei aquela minúscula e frágil criatura, que nem sequer enchia a palma da minha mão. Era com certeza um pinto de um dia de vida. Uma bolinha com poucas penugens amarelas e um *"píu"* insistente,

forte e incomodativo. Mil vezes mais alto do que ele. Devia estar com fome o infeliz órfão, talvez filho de uma insensível chocadeira. Nunca tive muito jeito para cuidar de animais, porém alguma coisa ele precisava comer e beber. Coloquei água em um prato e pus no chão. Mas o prato era muito grande, a água ficou alojada muito ao centro. Ele tentou subir no prato. Seus pezinhos escorregaram pela superfície muito lisa e ele molhou os pés, recuando assustado. Peguei aquela vítima do destino, coloquei-a de lado e enchi de água um pires. Aí, ele bebeu sofregamente, a cada bicada, levantando a cabeça, apontando o bico em direção ao teto. Os piados diminuíram de intensidade. Procurei comida.

"O que um pinto come?... Milho?... É isso. Milho. Tenho milho de pipoca."

Revirei o armário e achei a embalagem. Pus alguns grãos no chão. A ave bicava, os grãos corriam e ela não comia. Eram muito grandes para aquele biquinho.

"O martelo! Cadê o martelo?"

Reviro daqui, reviro dali, achei-o debaixo da pia da cozinha. E aquela bolinha amarelinha, piando incessantemente, tremia de frio. Peguei um grão e martelei. Ele se esfarelou. Coloquei aos pés frágeis do animal. Mais frágeis que dois palitinhos. Ele bicou, ciscou e espalhou o resto. Ficou piando, pedindo mais.

"Que mania galinha tem de ciscar e espalhar a própria comida! Eu lhe dei tudo junto. Era só ele comer!"

Mais marteladas, mais milho picado, mais ciscadas, mais piadas insuportáveis. Até martelei o dedo sem querer e quebrei a unha.

"Merda! E eu que já estava pegando no sono quando ele apareceu".

Depois de meia hora o pinto parecia satisfeito. Eu não sabia o que fazer com ele. Colocá-lo de volta na chuva era pecado. Coloquei-o debaixo da pia da cozinha, enrolando-o em uma flanela quentinha, mas ele se desenrolava e ficava andando pela casa, piando. Procurando-me, com certeza. Na terceira tentativa, desisti. Peguei o danado e coloquei-o na minha cama, no calor do meu corpo. Os piados foram cessando e passaram a ser apenas piadinhos, tão curtos e tão baixos quanto ele. Logo fechou os olhos e dormiu. Mas, e o meu medo de que se eu dormisse, rolasse na cama e esmagasse o minúsculo ser? Quando tive certeza que ele estava dormindo, saí da cama e tentei acabar minhas horas de sono no sofá. Pela manhã, eu não precisaria acordar para trabalhar. Era sábado. Mas, às seis horas, os pios recomeçaram.

"Por que galinha acorda cedo?"

E lá vou eu, martelar milho e colocar água no pires.

Depois do café da manhã, o meu e o dele, peguei meu hóspede e saí pela vizinhança para saber quem era o responsável por aquele filho abandonado.

Ninguém se dispôs a ficar com ele. Dona Gervásia jurou que aquele pinto não era de um dos ovos da galinha dela, pois os comia todos, duas vezes por semana. — "Receita do médico"- afirmou.

Talvez fosse de uma das galinhas da dona Jurema, cinco casas abaixo na rua. Também não era. Tive que adotar aquela coisinha. Quando crescesse, por certo eu teria um frango ensopado ou uma canja.

Afinal, era pinto ou pinta?

Os vizinhos deram opiniões controversas. Uns juravam que era um pinto, outros que era uma pinta. Com eles aprendi que eu não precisava quebrar milhos e sim comprar a ração. Menos mal para as minhas frágeis mãos.

Resolvi ficar com ele. Alguns moradores locais, que já tinham intimidade comigo, perguntavam quando eu passava:

— E o pinto? Como vai?

Certa vez, com um grupo de senhoras, com as quais eu não tinha muita intimidade, dei a bobeira de me despedir dizendo:

— Tenho que ir pra casa cuidar do meu pinto.

Isso suscitou gargalhadas e, uma delas disse, com ironia:

— Cada uma deve cuidar do seu, por que pinto tá difícil!

Tive que explicar o que eu queria dizer, não era nada do que elas estavam pensando.

Mas, voltando ao pinto, propriamente dito, nele rapidamente foram crescendo plumas que deram lugar a penas, e ele já andava pela casa toda, com o pescoço impostado, dono do pedaço, bicando aqui, ali, coisinhas e detritos que, confesso, eu não conseguia enxergar.

Eu ia varrendo a casa e ele atrás bicando, como um investigador do meu trabalho. Meu amor por ele também foi crescendo. Deixei até de comer galinha. Quando serviam, lá no restaurante do meu trabalho, eu já deixava de lado.

Aos poucos apareceram protuberâncias em seu corpo. Começou a nascer uma crista vermelha e carnuda, coroando sua cabeça e nas pernas apontaram esporões. Foi

então que ele me revelou sua identidade masculina. Eu estava diante de um frango e depois diante de penas azuladas e avermelhadas, meio furta-cor.

Dei-lhe o nome de Cristóvão. Achei pertinente, por causa de Cristóvão Colombo que, dizem, conseguiu colocar um ovo em pé.

Com o passar dos meses, virou galo e dormia todo início de noite, empoleirado no peitoril da janela da sala, vigiando o surgimento dos primeiros raios da manhã, para poder soltar sua voz em um canto a princípio fraco, rouco e desafinado. Ele ouvia o galo de Dona Jurema cantar e tentava imitar. Eu ria. Depois seu canto foi se tornando límpido e forte, prolongado e afinado e seu porte ficando cada vez mais elegante.

Outros galos já respondiam ao longe e ficavam assim dialogando com seus cocoricós:

— Bom dia!

— Como vai você?

— Dormiu bem?

— Boa ração para você, hoje!

— Pra você também!

Quando chegava alguma visita lá em casa, Cristóvão investia valente, cocoricando em volta do intruso tentando feri-lo com suas esporas ou bicadas, querendo impor que o território era dele. Talvez seu pai tenha sido um galo treinado em rinhas de apostas das brigas de galo.

Ele se tornou meu companheiro, meu amigo do dia-a-dia. Quando eu chegava do trabalho, lá vinha ele me fazer festa. Eu largava a bolsa em cima da mesa e antes mesmo de